

ARTE E EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PRÁTICA POSSÍVEL



ELIANA DE AMORIM

Graduação em Pedagogia pela Universidade de Santo Amaro (2003); Especialista em Educação Inclusiva Aspectos da deficiência Intelectual, pela Faculdade Monte Alto (2013); Especialista em Ciências na Educação Básica pela Faculdade Monte Alto (2013); Especialista em Neuropsicopedagogia Teoria e Prática pela Faculdade Corporativa CESPI (2019); Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino de São Paulo; Lotada no CEI José Salvador José Julianelli; área de interesse: Educação Infantil.

RESUMO

Muitos pensam que a arte na educação infantil são apenas desenhos livres, tinta, amassar bolinhas de papel ou preencher desenhos prontos. A arte na educação é o começo, é o primeiro contato da criança com a sua própria criação, é a exploração de seus desejos e torná-los visíveis aos outros de várias maneiras. Pintar, rabiscar, amassar para as crianças pequenas é puro prazer, o prazer do movimento da descoberta. O percurso da linguagem plástica começa desde muito cedo e pode ser desenvolvido novos prazeres e desafios e novas maneiras de se relacionar com o mundo. Ao longo do tempo tudo o que era fazer, gesto no espaço, vai se constituindo como desenho, arte.

PALAVRAS-CHAVE: Criação; Exploração; Brincar; Arte.

INTRODUÇÃO

Quais possibilidades existem na arte dentro da educação infantil? O educador é capaz de construir novos significados para a arte dentro da rotina escolar infantil?

Bebês e crianças pequenas aprendem através de suas experiências e vivências, estas precisam ser cheias de novidades e significados, assim elas irão construindo o seu olhar acerca do mundo em que habitam. A presente pesquisa possibilita a reflexão sobre como trabalhar arte com bebês e crianças pequenas, quais são as beneficências das experiências concretas e abstratas que arte pode proporcionar na rotina escolar infantil?

“Arte e educação não compreendem significações dados ou ideias, sendo relativos a um espaço de experiências e intencionalidades que se transforma historicamente”. (HONORATO, 2011,

p.43). Neste sentido, verificamos que a arte necessita de espaço, experiências e transformação. O que queremos é mostrar ao professor de educação infantil que é possível trazer atividades fora do comum, é possível trabalhar de forma intensa e criativa. Muitas vezes subestimamos as nossas crianças acreditando que a arte nesta fase escolar deve ser superficial, com propostas pobres e sem sentido de cortar, colar e amassar.

A arte é muito mais do que isso, ela compreende o imaginário, possibilitando que o indivíduo se torne crítico e criativo. O ensino da arte considera quatro hipóteses: que o indivíduo já desfruta de alguma experiência estética, antes de entrar para a escola ou fora dela, a partir de estímulos como o a natureza ou o artesanato popular. Tarefas e atividades mecânicas não podem fazer parte desta nova construção, como adultos, educadores, delimitar limites e espaços aos pequenos está longe de ser uma prática que respeita cada singularidade, a imaginação e a mãozinhas serão nosso ponto de partida para a aplicação de uma prática gráfico-plástica.

A proposta desta pesquisa é evidenciar o professor e a sua própria prática em arte na educação infantil. Como o professor pode trazer experiências significativas aos seus alunos se ele próprio não transpassa os seus limites? Sempre trabalhando com o óbvio, o comum, não conseguirá desenvolver atividades que realmente tem a ver com a arte.

Existem muitas possibilidades dentro da arte para a criança pequena, um mundo cheio de cores, texturas, cheiros. Iremos refletir como podemos treinar as mãos e olhos para enxergar além do que está ali no papel transferir para uma pintura algum sentimento ou experiência vivida. As crianças pequenas trazem todo este potencial, na primeira infância está toda a construção de um pensamento que irá com ela para a vida adulta.

ARTE E SIGNIFICADO

É preciso repensar o processo educacional. É preciso preparar as crianças, é preciso desenvolvê-las como uma pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, suas expressões, seus sentidos, suas críticas sobre o mundo. É fundamental que se questione mais sobre a arte dentro da educação infantil. Para isto, deve-se estar mais aberto, mais inquieto, mais vivo mais poroso, mais ligado, refletindo sobre o cotidiano pedagógico e se perguntando sobre o seu futuro. (RICHTER, 2011).

A arte propõe-se a criar nos indivíduos não somente um amor problemático e isolado por belas-artes e belas obras, mas, sobretudo uma consciência exigente e ativa em relação ao meio ambiente, ao panorama e a qualidade da vida cotidiana desses indivíduos. A Arte na educação infantil propõe - se a criar nos indivíduos não somente aptidões artísticas especificam, mas, sobretudo um desenvolvimento global da personalidade, através das mais diversificadas e complementares possíveis de atividades expressivas, criativas e sensibilizadoras. (HONORATO, 2011).

A arte na educação infantil, porém, não se contenta apenas com as virtudes instauradoras do acaso e da não intervenção, mas pressupõe, pelo contrário, a utilização de métodos pedagógicos específicos, progressivos e controlados, os únicos capazes de produzirem a alfabetização estética

(plástica, musical etc.), sem a qual toda expressão permanece impotente e toda criação é ilusória. (HUZINGA, 1996).

Segundo Cunha (2011) a arte representa a compreensão mais profunda e a mais alta aspiração de seu criador. Por este motivo, uma obra contribui tanto para a nossa visão de mundo e ficamos muito emocionados. A arte tem o poder de comunicar a concepção que temos das coisas através de procedimentos que não podem ser de outras maneiras. Na arte assim como na linguagem, o homem é um inventor de símbolos que podem ser transmitidos de diversas formas. Temos que pensar na arte como algo não convencional capaz de expressar estados mentais, novos significados, novas formas. Uma pintura sugere muitas coisas além do que ela afirma e um poema a arte está naquilo que ele diz. Mas qual é o significado da arte? Os artistas não deixam uma explicação de sua obra, uma vez que a sua obra é a própria explicação. (PIAGET, 1975).

Para que se possa apreciar a arte é necessário conhecimento, entendimento do tempo circunstância espaço. Sem estes requisitos a arte não tem significado, passa apenas a ser algo comum ou incomum, mas, sem que nos remeta a reflexão ou desperte os nossos sentidos. Por isso, faz-se necessário o conhecimento da cultura, da história do artista, do tempo em que foi elaborada. Aqui entra a arte, ela nada mais é do que o relato da imaginação ou sonho de alguém. Há muitas formas de ativar a imaginação, que se faz importante no momento de entender o artista, e é uma das facetas mais fascinantes da mente humana. Pode ser vista como o elo entre o consciente e o subconsciente humano. “É por assim dizer, a cola que mantém unidos a personalidade, o intelecto e a espiritualidade do homem”. (HUZINGA, 1996 p.7). A imaginação se faz importante para que possamos entender o passado que é realmente necessário para a nossa sobrevivência. E o artista continua sendo aquele cuja obra é capaz de emocionar e nos fazer refletir.

Antes de começar a trabalhar na educação infantil o professor precisa ter o conhecimento, informações e acima de tudo entender a importância da arte, a história e de que maneira ela próprio entende a arte como ferramenta de trabalho e mudança na vida das pessoas. A arte traz a elevação do espírito, quando entendida em sua essência, mas, o professor não consegue trazer significado se não acredita naquilo em que está mostrando ao aluno. Portanto, é essencial que o professor tenha consciência da importância de oferecer aos seus pequenos alunos o primeiro contato com a arte, de maneira prazerosa e significativa, que ficará como experiência inicial para as próximas etapas da vida estudantil. (PIAGET, 1975).

A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Os seres humanos, desde a pré-história produzem formas visuais, se utilizando de símbolos particulares, construídos juntos à sociedade para expressar mundos objetivos e subjetivos. Transportando suas visões, o mundo natural é exteriorizado através de diferentes modalidades que atravessam as artes visuais como a: pintura, o desenho, a fotografia, a gravura, vídeos etc. (BARBOSA, 1982).

Segundo Cunha (2011) ao longo do tempo, foram criadas formas padronizadas para a lin-

guagem gráfico-plástica, como: flores, casinha, árvore com maçãs, figura humana de palitos, assim foram organizados um repertório que chamamos estereótipos. Desde muito cedo as crianças interiorizam estes estereótipos, deixando de construir sua própria linguagem, e passam a reproduzir as imagens impostas pelos adultos. O educador precisa saber que as suas representações visuais influem muito na produção da criança e de como ela vai representar o mundo a sua volta. Sacks (1995) deixa claro que a criança precisa ter a possibilidade de desenvolver-se na área expressiva, para isto é fundamental que o professor rompa com seus próprios estereótipos, para que consiga realizar intervenções pedagógicas significativas para o universo da expressão infantil.

As escolas de educação infantil precisam oferecer um espaço para que o desenvolvimento das diferentes linguagens expressivas aconteça simultaneamente, tendo em vista que crianças pequenas iniciam o conhecimento sobre o mundo através dos cinco sentidos do movimento, a curiosidade do que está a sua volta, da imitação, da repetição do jogo simbólico e brincadeiras. Para que isso aconteça os educadores precisam conhecer o desenvolvimento gráfico-plástico para que possam organizar planejamentos que atendam às necessidades das crianças. Quando se oferece uma atividade livre e simples como desenho com lápis de cor, o professor pode transformar em experiência desafiadora, cheia de possibilidades. (HONORATO, 2011).

Podemos transformar um simples desenho com lápis de cor em uma proposta instigadora com descobertas de materiais, além do conhecermos as hipóteses das crianças sobre o que vamos trabalhar. O professor de educação infantil não precisa ser especialista em arte para trazer experiências significativas para os seus alunos, precisa conhecer e entender a importância do contato com a arte, e como isto pode mudar e acrescentar conhecimento na vida do seu aluno. A arte promove mudança, traz o pensamento crítico, traz a paz de espírito. Na primeira infância quando há este contato significativo com a arte a criança terá a possibilidade de desenvolver o seu arsenal de conhecimento e o levará para a vida adulta. (JASON, 1975).

BRINCANDO E CRIANDO COM AS CORES

A ação de pintar em nosso contexto escolar é uma ação descaracterizada. As possibilidades infantis são limitadas, não podem explorar e experimentar de forma lúdica diferentes tintas e instrumentos pictóricos para tornar visíveis suas ideias e sensações através de manchas, figuras, sinais. A pintura não acontece no espaço da educação, seja fundamental seja infantil. Muito pouco explorada como conhecimento que permite outros modos de interação entre a criança e o mundo. (BARBOSA, 1982).

Nesse sentido, vemos que nós adultos anulamos as experiências incríveis que a criança pode ter com a cor, com os nossos limites e imposições. A pintura é muito importante na apropriação de um pensamento simbólico e uma importante estratégia de organização no processo de constituição. Não podemos desarticular a pintura das demais ações lúdicas das crianças, como linguagem deve ser compreendida em sua especificidade material e simbólica. O ato de tingir, a pintura, pode e devem dialogar com o ato de desenhar, modelar objetos, cenários, ambientes, fantasias, painéis etc. Para que estas experiências existam, temos a nossa disposição diferentes tintas

solúveis, variados instrumentos pictóricos: rolos, pinceis, espumas, mãos e dedos. Não existem restrições na linguagem plástica; o que importa é tornar visível o que foi vivido. A pintura consiste em educar o olho e a mão para estarem sempre alertas e curiosos para coletarem fragmentos e colocá-los a disposição de outros olhares. (CUNHA, 2011).

Segundo São Paulo (2011) a prática com as cores torna possível que a criança demonstre o que conhece e sente, tornando possível entender que é capaz de alcançar profundidade na criação de significações, transformando um quadro de exploração superficial em um processo fundamental e rico. Precisamos ampliar na escola infantil as oportunidades lúdicas que levam a criação de símbolos e objetos através de variadas experiências expressivas. É neste momento entre dois e sete anos que a criança começa a fundamentar o seu pensamento simbólico. Por isto, temos de oferecer para as nossas crianças oportunidade de criar, tocar, sentir para que possa dialogar como mundo e com ela mesma. Provocar reflexão e despertar a capacidade da criança é o foco do professor. Mais uma vez refletimos sobre o aprendizado com significado, não apenas a atividade superficial, mas o estudo, a curiosidade o criar devem ser sempre valorizados. O professor também precisa superar seus limites, necessita transpassar aquilo que é mecânico. (JASON, 1975).

OS CAMINHOS DO DESENHO INFANTIL

Falando em desenvolvimento infantil através das artes, notamos que todas as vivências e experiências proporcionadas nesta etapa serão de profunda importância para que a criança vá construindo a sua percepção de mundo. Quando limitamos estas experiências e vivências significativas que arte pode proporcionar se bem compreendida por educadores e adultos a sua volta ela terá muito sucesso ao longo de seu desenvolvimento global. Quando observamos uma criança registrando seus pensamentos e ideias através do desenho ou pintura é importante que aprofundemos nossos olhares nesta ação tão simples e complexa, nestes registros estão todo o entendimento de mundo daquele ser singular, se olharmos com mais precisão veremos algo extraordinário. (HONORATO, 2011).

Somente podemos ver todo o esplendor destes registros se de fato compreendemos a criança e o seu desenvolvimento global, se compreendemos que nesta faixa etária através da arte podemos ler aquela criança em toda sua magnitude singular. (HONORATO, 1975).

Segundo Lowenfeld (1977) é possível notar que o desenho já faz parte do desenvolvimento de crianças pequenas, neles pode-se observar que há uma representação de padrões, o que sugere o envolvimento total da criança nestas ações.

Ainda segundo os autores, quando a criança desenvolve padrões rígidos em seu raciocínio, o simples fato da necessidade de flexibilização poderá ocasionar dificuldades na adaptação a novas circunstâncias, ou, seja quando solicitamos que a criança construa um desenho de forma livre em que ela poderá expor toda a sua percepção de mundo, é fato que ela irá negar a realizar a atividade, pois foi condicionada sempre por um adulto a fazer repetições estereotipadas, não só a área artística. Sabemos que na primeira infância a criança apresenta ações repetitivas, estas ações são

espontâneas e tem por finalidade assegurar o domínio sobre elas; há de observar que na repetição estereotipadas não ocorre nenhuma mudança; ao desenhar várias bonecas elas terão diferenças entre uma e outra, pode aparecer sentada deitada, em pé, em movimento. Quando estas repetições se tornam estereotipadas, sem envolvimento, sem algum sentido, deve-se estar alerta para que tal ações não se tornem uma forma de fugir de novas vivências e experiências. (HUZINGA, 1996).

Para Barbosa (1982) acrescenta que na criança que demonstra o gosto pelos livros com figuras para colorir, leva a fuga para não enfrentar novas experiências, já que a sua liberdade é podada no momento em que seguem o padrão predeterminado, e, também quando a criança copia um desenho ela poderá sentir satisfação, mas meramente representa algo fora do seu contexto, sem nenhum desenvolvimento, é algo criado fora dela, e onde ela não está incluída quando afirmam que: uma criança que goste de copiar desenhos poderá obter satisfação individual nessa ocupação; esta alegria está pautada no sentir seguro e também do medo em se colocar em novas situações. A criança refugia-se num estado de espírito passivo que é indesejável. (LOWENFELD, 1977).

A criança que coloca a sua liberdade em prática consegue ter uma participação efetiva da construção de suas obras dentro de seus desenhos, não apenas nos rabiscos, cores e formas, mas torna-se uma ação grandiosa de enorme significância não apenas para ela mesma, não apresentando importância caso ocorra alguma desaprovação ou erro, assim com esta despreensão o progresso emocional será construído sadiamente. (PIAGET, 1975).

O que Sacks (1995) nos revela é que a criança coloca no seu desenho o seu íntimo onde estão guardadas as suas vivências; e como isso é algo seu, particular, da sua propriedade, ela a expõe da maneira que assim o desejar sem seguir nenhuma regra predeterminada, esse controle proporciona-lhe o transpor as suas etapas de desenvolvimento. Diante do que o autor afirma, podemos dizer que o desenho nada mais é que a concretização do pensamento da criança, mais precisamente da sua emoção, e através do desenho é possível verificar a emoção associado ao desenho, quanto maior o seu envolvimento maior será a sua emoção em relação a sua produção.

Ao longo do desenvolvimento infantil as percepções de mundo vão sendo construídas e aprimoradas, pode ocorrer dificuldade em perpassar os limites de cada fase demonstrando pouca maturação intelectual, ao distanciar-se da idade cronológica, a criança deve representar um desenho diferenciado para os demais de faixa etária diversa, ou seja, uma criança de sete anos tem mais maturidade do que aquela que possui cinco anos, mas se estiverem sempre acompanhadas em suas representações terão as mesmas oportunidades e possibilidades de desenvolvimento cognitivo em suas experiências. (BARBOSA, 1982).

O desenvolvimento infantil necessita de todos os sentidos bem apropriados pela criança para que se possa ter êxito na longa jornada do crescimento, experiências e vivências sensoriais são de extrema importância neste momento, as percepções visuais são essenciais para a áreas artísticas, através destas percepções observa-se o reconhecimento das cores, para posteriormente conseguir a estimulação na variação das cores com a interferência da luz e de condições atmosféricas. (RICHTER, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na rotina escolar o espaço da realidade não ocupa o mesmo espaço do prazer, o imaginário não conhece o tempo cronológico nem os cerceamentos do real. O prazer da arte está relacionado ao prazer do jogo. A plasticidade das tintas determina a resistência do corpo, ditando a maneira de agir sob os movimentos gestuais, curto, longo, fraco, forte, contido ou amplo.

A forma como manuseamos o pincel determina como nascerá uma pintura, a forma que pilotamos os movimentos. Nesta faixa etária as vivências que oportunizam o transitar em variadas linguagens, o agir, o representar serão de extrema importância para o pleno desenvolvimento global. É preciso oportunizar a manipulação e exploração dos materiais visando o prazer e a satisfação da intenção.

Pintar, desenhar, criar plasticamente possibilita a construção de ações corporais e materiais de suas vivências e experiências individuais e coletivas. É buscar estratégias de resoluções singulares na própria singularidade do meio simbólico. É quando mexe, age e remexe nas coisas, experimenta e modifica-se que conhecem melhor. Entendemos experimentação, não como simples manipulação de materiais, mas antes de tudo como um desafio provocado pela própria simbolização.

Experiência supõe processo de interpretação, de autoria. O sujeito é provocado pelo simbólico, desafiado em suas possibilidades de criar e atribuir significações. Criar é sempre complexificar, coordenar, combinar de forma nova a partir de uma provocação. É preciso oportunizar a manipulação e exploração dos materiais visando o prazer e a satisfação da intenção. Pintar, desenhar, criar plasticamente possibilita a construção de ações corporais e materiais de suas vivências e experiências individuais e coletivas.

A plasticidade das tintas determina a resistência do corpo, ditando a maneira de agir sob os movimentos gestuais, curto, longo, fraco, forte, contido ou amplo. A forma como manuseamos o pincel determina como nascerá uma pintura, a forma que pilotamos os movimentos. Nesta faixa etária as vivências que oportunizam o transitar em variadas linguagens, o agir, o representar serão de extrema importância para o pleno desenvolvimento global.

Ao final desta pesquisa fica evidente que é possível fazer arte na educação infantil perpassando todos os estereótipos e limitações já tão conhecidos na prática pedagógica diária. Considerar a criança como criadora de suas vivências é o ponto de partida para que se possa oportunizar experiências reais e significativas no que tange a arte. Arte não é somente desenhos livres, tintura no papel, amassar bolinhas ou tantas outras atividades mecanicistas tão comuns na rotina escolar infantil, é possível educadores que atuam nesta faixa etária transcenderem os muros das limitações, cópias e sequências sem significado real ao indivíduo singular a sua frente. Construir junto a criança experiências artísticas que lhe permitem registrar sua vida, seu mundo, seu entendimento de mundo é fundamental e algo muito rico.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Recorte e colagem**. São Paulo: Cortez, 1982.

CUNHA, Susana Rangel Vieira. **As artes no universo infantil**. São Paulo: Mediação Editora, 2011.

JASON, H.W.; JASON, Anthony F. **Iniciação a história da arte**. São Paulo: Martins Fones, 1975.

HONORATO, Cayo. **A formação do artista: conjunções e disfunções entre a arte e educação**. 2011. Tese de Doutorado – Universidade De São Paulo: São Paulo, 2011.

HUZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1996.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

RICHTER, Sandra. **Criança e pintura**. São Paulo: Mediação Editora, 2011.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal da Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Percursos e aprendizagens: um olhar para o desenho – A Rede em rede: a formação continuada na educação infantil**. São Paulo: SME/DOT, 2011.